

# Maliaama





# Mariama

Baseado no testemunho de Ibrahima Bah e guião original do curta-metragem “Mariama” escrito e dirigido por: Mabel Lozano

Texto adaptado para conto: Luisa Antolín Villota

Ilustrações: Daniel Pérez

Desenho e maquetação: Dándolevueltas Creatividad +

Diseño Impresión: Gráficas JMG

Depósito legal: M3790-2017

Impresso em Madrid em 2017

A Unión de Asociaciones Familiares (UNAF) é uma ONG pioneira e de referência em Espanha na prevenção e intervenção contra a mutilação genital feminina, que trabalha desde a perspectiva dos direitos humanos e no âmbito da luta contra a desigualdade e a violência de género que afetam todas as meninas e mulheres do mundo.

No âmbito deste trabalho, criamos este conto a partir da história real de Ibrahim Bah que

protagoniza

a curta-metragem documental *Mariama*, produzido pela UNAF e dirigido por Mabel Lozano.

Com o desejo de que sirva como ferramenta de sensibilização contra esta prática e que

contribua

Ascensión Iglesias Redondo

para a sua prevenção e erradicação, é com grande prazer que o(a) convidamos para a sua leitura.

Presidente da UNAF



Dedicatória:

**AMADIYERO**

(Obrigado a todas as pessoas)

Ibrahim Bah

Olá!

O meu nome é Ibrahim Bah, nasci na República da Guiné e vivo em Espanha há vários anos. O meu país fica em África, é grande e bonito, tem mar, tem montanhas e lá falam-se mais de 15 línguas diferentes... Mas também tem coisas de que não gosto. Uma delas é que na Guiné, como em todos os países do mundo, as mulheres têm menos direitos do que os homens e existem costumes e tradições que são muito prejudiciais para elas. Eu quero contribuir para que as coisas mudem e para construir um país e um planeta melhor, para a minha família e para toda a gente. Por isso vou contar-vos uma história, a história das meninas do meu povo, da minha irmã, a da minha filha Mariama...

Acompanham-me?







Tudo começou no dia em que a minha irmã Fátima desapareceu.

Fátima era apenas um pouco mais velha do que eu. Éramos muito unidos, brincávamos juntos, íamos juntos para a escola, fazíamos as tarefas da casa juntos e todos os dias, pela manhã era ela quem me despertava com uma carícia no rosto.

Essa manhã acordei sozinho, procurei a minha irmã por toda a casa e não a encontrei. Onde poderia estar? Estávamos de férias, não era dia de mercado...



- “Onde está a Fátima?” - perguntei à minha mãe.

- “A Fátima teve que ir. Agora já é uma mulher” - respondeu, olhando para mim muito séria. “Uma mulher?”, pensei. O que teria querido dizer com isso? “Uma mulher, uma mulher” repetia em voz baixa, sem compreender...





Soube mais tarde que na Guiné, há um dia em que um grupo de mulheres da povoação leva diversas meninas ao bosque para realizar uma cerimónia que as converte em adultas aos olhos de todo o mundo.

Faz-se a todas as meninas e considera-se uma tradição, um costume, passado das avós para a mães, das mães para as filhas e que os homens mantêm e garantem que seja cumprido.



Nessa cerimónia, o que se faz às meninas, o que manda o costume, é cortar uma parte do seu corpo, dos seus órgãos genitais. Isto é sempre feito por uma mulher especial, muito respeitada, que o tenha aprendido da sua avó, da sua mãe... É algo que faz muito, muito mal e que deixa sequelas para a saúde que duram toda a vida.





Quando terminam de o fazer a todas, as meninas regressam à povoação e ficam a viver juntas em casa dessa mulher, até que as feridas cicatrizem.

E isto é muito tempo! A ferida pode demorar mais de quatro semanas a curar!

Eu sentia muitas saudades da minha irmã e decidi ir a essa casa para a visitar. Fátima estava triste pela dor, mas também estava contente porque agora já tinha cumprido com a tradição, fazia agora parte das mulheres da comunidade e já podia casar.



A minha irmã Fátima morreu com catorze anos.

No meu país quando alguém morre não se pergunta o motivo. Considera-se que é vontade de Deus. Muitas mulheres morrem no parto devido à mutilação genital, mas ninguém pergunta o que se passou? De que morreu?... À minha mãe morreram-lhe cinco das suas filhas e ninguém perguntou as razões.





A morte da minha irmã deixou-me muito triste. Gostava muito dela. Pelas manhãs ao despertar-me, as canções que cantava no caminho para a escola, o seu riso, que soava como os pássaros ao amanhecer.



Nunca o disse a ninguém, mas desde o princípio que pensei que o que lhe tinham feito naquele dia no bosque, a mutilação genital, estava relacionado com a sua morte. Porque desde que isso aconteceu, a minha irmã nunca mais voltou a ser a mesma. Parecia que se estava a apagar, de dia para dia, como a chama de uma vela, cada vez mais débil.



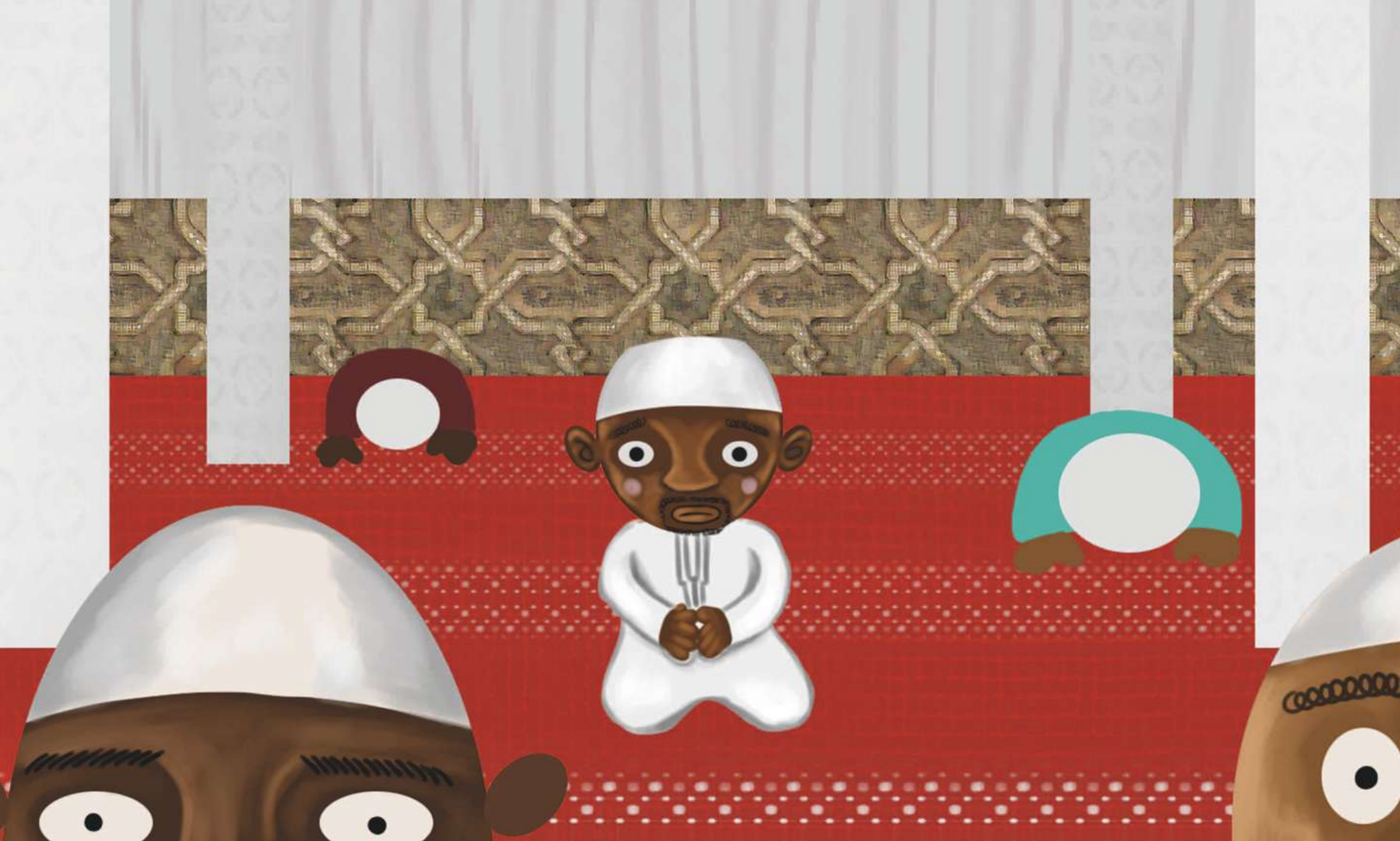


Quando conheci Aisatu, a minha mulher, recuperei a alegria. Ela vivia na povoação ao lado da minha. Fomos apresentados numa reunião familiar. Naquela tarde, não parámos de nos olhar. Então, os dias passaram, passeámos, conversámos e o nosso amor foi crescendo. Tivemos sorte porque as nossas famílias concordaram com a nossa decisão de nos casarmos. Porque no meu país, não são a noiva ou o noivo quem decide, são as suas famílias.



Quando a Aisatu ficou grávida da nossa primeira filha, lembrei-me do que tinha acontecido à minha irmã Fátima. Eu não queria que a minha filha sofresse, que morresse. Não podia permitir que lhe fizessem o mesmo.





Comecei a perguntar a alguns amigos o que aconteceria se a minha filha não cumprisse a tradição do “corte”?

“Nem penses nisso amigo, tens que fazê-lo! Não sabes que as mulheres que não cumprem com a tradição não valem nada!

Cheiram mal! São sujas! Más!” Gritaram-me eles escandalizados.

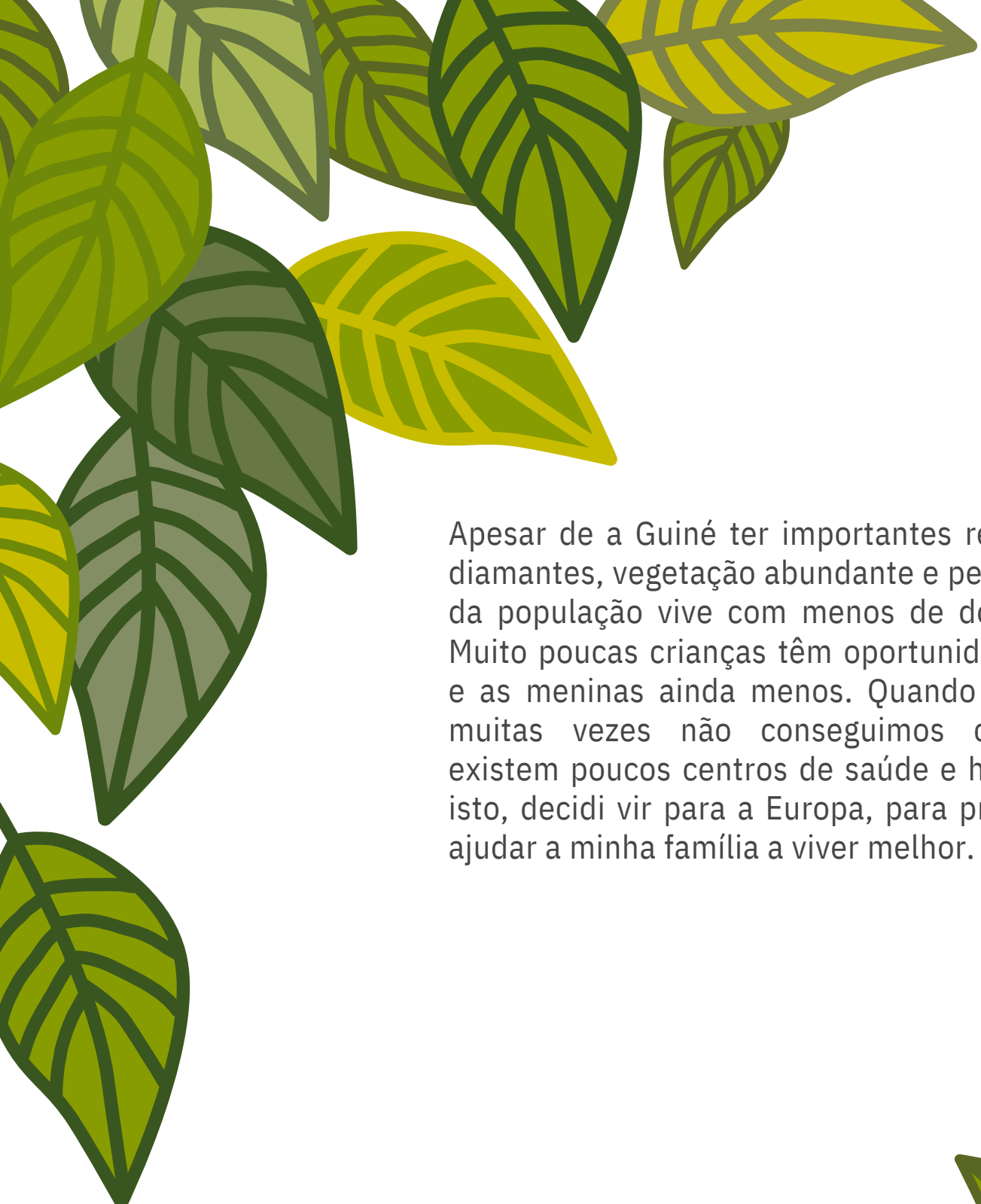


“Além disso, é a lei do Islão, a nossa religião”, acrescentaram.

- Isso não está certo! - respondi-lhes. Eu sou um bom muçulmano, respeito a lei do Islão e tenho fé, mas esse costume não aparece no Corão.

Os muçulmanos não são obrigados a maltratar o corpo das nossas filhas!





Apesar de a Guiné ter importantes reservas de ouro e diamantes, vegetação abundante e pesca rica, a maioria da população vive com menos de dois euros por dia. Muito poucas crianças têm oportunidade de ir à escola e as meninas ainda menos. Quando estamos doentes muitas vezes não conseguimos curar-nos porque existem poucos centros de saúde e hospitais. Por tudo isto, decidi vir para a Europa, para procurar trabalho e ajudar a minha família a viver melhor.



Quando cheguei a Espanha, continuava com as ideias confusas sobre as mulheres que não tinham feito a mutilação genital. Ouvia na minha cabeça as palavras dos meus amigos, o que se dizia na minha povoação sobre essas mulheres. No entanto, rapidamente me dei conta de que nada disso estava certo.





É difícil encontrar o nosso lugar num país novo, não conhecemos a língua, os costumes, tudo é diferente, os cheiros, os sabores, a forma de vestir, de cumprimentar... Encontrei muitas pessoas que me ajudaram e uma grande parte delas eram mulheres. Mulheres que me deram a informação de que necessitava, que me ensinaram a comunicar em espanhol, que ajudaram a encontrar casa, trabalho, a conseguir os meus “papéis”...E todas elas, eram mulheres que não tinham passado pela “cerimónia”, às quais não tinham cortado parte do seu corpo.

Então pensei – Não está certo! Estão enganados! A mutilação genital não tem nada a ver com a honestidade e com a bondade das mulheres.



A minha convicção era cada vez mais forte.  
**Tínhamos que acabar com a mutilação genital das meninas!**





A sexualidade é muito importante. É algo com que nascemos todos e que nos acompanha para o resto das nossas vidas. Tem que ver com o nosso corpo, os nossos sentimentos, os nossos desejos. Com ela comunicamos, expressamo-nos, relacionamo-nos, sentimo-nos bem. Ou mal.



A mutilação genital retira às mulheres o direito de desfrutar da sua sexualidade, ou seja, de viver a sua vida plenamente. A felicidade das mulheres é um direito! Felizmente, existem cada vez mais jovens, rapazes e raparigas, que dizem não à mutilação genital.





Os dias iam passando. A minha filha Mariama estava cada dia mais próxima da idade da cerimónia do “corte” e eu não conseguia deixar de pensar nisso, de dia e de noite, estava a ficar louco. Sabia que não queria isso para a minha filha e estava disposto a fazer qualquer coisa para o evitar, mas também sabia que isso significava romper com muitas coisas, desafiar algo muito poderoso.

Contei à minha mulher a história da minha irmã, o que tinha aprendido sobre as consequências que tinha para a saúde e para a vida. No princípio, custou-lhe entender, a ela tinham-lhe ensinado desde menina que uma mulher sem mutilação genital não merecia o respeito das pessoas.

A recusa em cumprir o costume da mutilação genital é entendida como uma ofensa à sua família,

ao seu povo, aos seus antepassados, às crenças que persistiram durante séculos e séculos.

Impera a lei do silêncio, insultam e criticam quem não o faz. Mas, apesar de tudo, a

minha esposa

e eu concordámos que juntos iríamos enfrentar este costume injusto. Por amor à nossa filha.







Passei muitas noites sem dormir. Pensava que a minha mãe ou a minha tia iriam levar a Mariama a qualquer momento para fazer a mutilação. Porque na Guiné, a família do pai tem mais poder do que a própria mãe da menina.







Então, sempre que alguém da família dizia à minha esposa que estava na hora de fazer a “cerimônia” à Mariama, ela convencia-os de que ainda era cedo, que tínhamos que esperar um pouco mais, que tínhamos que esperar que eu regressasse à Guiné para poder realizar a celebração juntos. Porque esse dia é muito importante, há uma festa, cantam-se canções, oferecem-se presentes.



Comecei a procurar alguém que me pudesse ajudar a trazer minha filha. Bati a todas as portas: ONG, associações, câmaras, procurando quem me pudesse apoiar para poder livrar a Mariama da mutilação genital.





Conseguí encontrar una asociación que estaba dispuesta a ayudar-me. Mas não foi fácil. Passaram-se semanas, meses, anos,... os trâmites para conseguir os “papéis” são muito complicados. E cada dia que passava, a Mariama ficava mais próxima da data da mutilação.



Finalmente consegui tratar de todos os documentos, mas faltava o passo mais difícil. Ir buscar a Mariama à Guiné e trazê-la no avião. Contactei o consulado para pedir o visa. Apesar de ter todas as autorizações necessárias, não lhes podia dizer que a ia retirar do país, para sempre...

Mas, o mais difícil, foi dizê-lo à minha mãe. Telefonei-lhe do aeroporto, quando já estava com a Mariama, a ponto de embarcar.

- Vou regressar a Espanha coma minha filha - disse-lhe, com a voz a tremer.

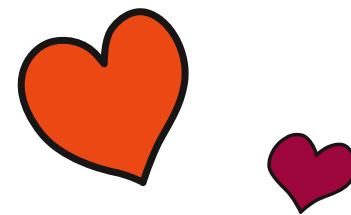
O que ela me respondeu foi muito doloroso... Disse-me que nunca ninguém tinha feito algo assim, o que significava levar a menina dessa forma...

Asseguro-vos de que ainda tenho no meu coração o que me disse a minha mãe.





Eu e a minha esposa Aisatu conseguimos livrar a nossa filha da mutilação genital feminina, mas existem três milhões de meninas em todo o mundo que todos os anos sofrem com isso. Duzentos milhões de mulheres e meninas em todo o mundo continuam a sofrer as suas consequências.



É necessário fazer alguma coisa para mudar esta situação.

Eu não tenho medo de romper com as tradições.

Eu sei que as pessoas que continuam a fazê-lo, estão a fazer mal sem saber. Porquê? Quem vai querer magoar a sua filha? Ou o seu filho? Ninguém.

As pessoas têm que entender que o que estão

a fazer com as suas meninas é uma ferida para toda a vida, que inclusivamente lhes pode causar a morte. Como aconteceu com a minha

irmã Fátima. Ainda assim, muitas pessoas

**Fazer bem às nossas filhas**

**é evitar a mutilação**

**genital!**

ainda pensam que fazem para o melhor bem.

vão e assim!





ELABORADO POR:



DECLARADA DE UTILIDAD PÚBLICA

Trabalhamos pelo bem-estar das famílias

C/ Alberto Aguilera, 3, 1º izq. 28015 Madrid  
Tfnos: 91 446 31 62/50 | Fax: 91 445 90 24  
unaf@unaf.org | www.unaf.org  
**www.stopmutilacion.org**



Con la colaboración de:



Obra Social "la Caixa"

Difusión subvencionada por:

